

AS MANIFESTAÇÕES LINGÜÍSTICAS E A REALIDADE HISTÓRICA E SÓCIO-CULTURAL DE UM POVO: FATOS INDISSOCIÁVEIS REGISTRADOS PELA GEOLINGÜÍSTICA

Márcia Regina Teixeira da ENCARNAÇÃO

RESUMO: Ao olharmos a realidade atual das diversas comunidades lingüísticas brasileiras, percebemos as profundas modificações pelas quais elas têm passado nos últimos anos. Pesquisas que relatam o caráter emergencial dos registros da fala já foram feitas e se constituem em importante contribuição para o conhecimento do estágio atual da língua portuguesa no Brasil. Em um constante jogo dialético entre inovação e conservação, é a fala que retrata elementos antigos, que aceita as inovações e que parte incessantemente para uma conseqüente variação, movida por razões sociais e culturais. Iniciamos uma pesquisa de cunho geolingüístico no Litoral Norte do Estado de São Paulo, e registramos que seus habitantes recebem, atualmente, influência de turistas vindos de todas as partes do país e do exterior. Vêm atraídos pela natureza preservada e deixam mudanças irreversíveis no local. Como conseqüência disso, é notória a mudança de hábitos, costumes, valores, bem como da língua, que é um sistema em contínua adaptação às necessidades das comunidades que a utilizam. Esta comunicação pretende mostrar os procedimentos metodológicos adotados pelos pesquisadores ligados à Geolingüística, apresentar um estudo de caso feito em quatro municípios do litoral norte de São Paulo e uma análise semântico-lexical dos primeiros dados obtidos na questão de número 2, no campo semântico 2, intitulado “Fenômenos atmosféricos”: “(Como se chama) “... um clarão que surge no céu em dias de chuva?” O Comitê Nacional do Projeto ALiB aponta *relâmpago* como provável resposta a essa questão. Entretanto, no começo da pesquisa já obtivemos variações lexicais que serão analisadas.

PALAVRAS-CHAVE: Dialectologia; Geolingüística; Língua Portuguesa; Variação; Análise semântico-lexical.

Considerações iniciais

Não se fala uma mesma língua do mesmo modo em todos os lugares e, essa é uma realidade que perpassa a história dos povos.

As pesquisas lingüísticas contemporâneas demonstram que a variação é um fato que se explica a partir da natureza da comunicação humana e se concretiza a partir da natureza variável das circunstâncias que cercam o fato lingüístico.

Os caminhos percorridos pelas línguas e que ocasionam as suas variações estão intrinsecamente relacionados, submetidos ao tempo e também a uma rede de circunstâncias internas e externas que as determinam e as tornam únicas. Alguns desses caminhos podem ser traduzidos, de forma reduzida, nas seguintes relações:

ENCARNAÇÃO, M.R.T., USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
Departamento de Lingüística, Av. Ana Costa, 516 apto. 21, CEP 11060-002, Santos, São Paulo, Brasil, maregi@usp.br

A relação língua - espaços físicos que se dá pelas unidades/diversidades lingüísticas entre comunidades fisicamente próximas/distantes umas das outras. São as chamadas variedades geográficas. É claro que esses condicionadores geográficos não deixam de estar ligados a fatores sociais, culturais e históricos.

A relação língua - espaços sociais se dá, segundo Lemle (1978, p.61) “pela divergência lingüística entre diferentes subgrupos de uma comunidade local, sendo fatores potencialmente distintivos: a estratificação social, a faixa etária, o sexo, a ocupação profissional, o desejo ou interesse que têm em manterem características lingüísticas que os demarquem”. Os aspectos lingüísticos da variedade social estão diretamente relacionados aos aspectos histórico e cultural.

Para falar da relação entre língua - traços histórico-culturais, citamos Antunes (2007, p.96), que nos diz que “a língua é um grande ponto de encontro; de cada um de nós, com nossos antepassados, com aqueles que, de qualquer forma, fizeram e fazem a nossa história. Nossa língua está, pois, na trajetória de nossa memória coletiva. (...) Tudo isso porque linguagem, língua e cultura são realidades indissociáveis”.

Na região pesquisada, essa relação ocorre desde a fase colonial, em que portugueses, índios e negros – três etnias de padrões culturais e lingüísticos tão diversos – começaram a fazer a história desse país. Esse múltiplo encontro entre povos e culturas deixou profundas marcas no português do Brasil.

Fazendo uma associação simplificada entre essas relações, podemos dizer que as mudanças lingüísticas decorrem das mudanças históricas e culturais sofridas pelos grupos sociais nas localidades em que essas línguas são faladas.

A região litorânea

A região escolhida para a pesquisa constitui-se em um território geograficamente delimitado, o que acabou gerando o desenvolvimento de aspectos lingüísticos, ENCARNAÇÃO, M.R.T., USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Lingüística, Av. Ana Costa, 516 apto. 21, CEP 11060-002, Santos, São Paulo, Brasil, maregi@usp.br

geográficos, históricos e sociais que a individualizam e a distinguem de outras regiões. Por muito tempo, após o descobrimento, o litoral foi quase a única área de povoamento e, apesar da grande extensão, há elementos culturais e sociais comuns em toda a costa do Brasil, herdados de influências semelhantes na sedimentação das bases sócio-culturais de seus habitantes.

O local retrata hoje o resultado de um longo processo de ocupação humana e de transformação de espaços. Segundo vários estudos, o litoral se insere num contexto de ocupação que vai desde os povos dos sambaquis (pré-histórico), passando por fazendas, olarias e estaleiros (século XVI ao XIX), até a formação das comunidades recentes (século XX e XXI). É formado pela mescla etnocultural de indígenas, colonizadores portugueses e, em menor grau, escravos africanos. Sua forma de vida baseia-se na agricultura itinerante, na pequena pesca, no extrativismo vegetal e no artesanato.

Uma parcela da população litorânea habita áreas de grande biodiversidade que acabaram se tornando alvo de políticas governamentais de preservação, cujo objetivo é proteger o meio ambiente e livrá-lo de qualquer interferência, mesmo de moradores que estão ali há várias gerações.

Segundo Encarnação (2005), embora fundamental para a conservação dos remanescentes florestais do Estado, a forma de criação e implantação das unidades de conservação privilegiou aspectos físicos e biológicos, relacionados à fauna e flora, sem levar em conta a existência e mesmo ainda a opinião da sociedade local, inclusive daqueles diretamente afetados pelos decretos oficiais que alteraram seus modos de vida. Muitos habitantes foram expulsos de suas casas e àqueles que ficaram, foi proibida a prática da agricultura e a retirada de recursos da mata.

Diante dessa situação muitos moradores se viram obrigados a mudar do local. Um contingente cada vez maior passou a migrar para áreas suburbanas, nas quais o modo de vida tradicional está ameaçado, uma vez que seus descendentes vêm abandonando suas características e começando a incorporar hábitos, atitudes e falares dos grandes centros. Essas profundas interferências na vida dos habitantes provocam também mudanças irreversíveis na língua.

A pesquisa geolingüística

Para a recolha dos dados, utilizamos o método de pesquisa geolingüístico, que visa à

descrição da realidade dialetal, servindo para coletar, com bases geográficas, importante
ENCARNAÇÃO, M.R.T., USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
Departamento de Lingüística, Av. Ana Costa, 516 apto. 21, CEP 11060-002, Santos, São Paulo,
Brasil, maregi@usp.br

material de pesquisa para a interpretação histórica de fatos da língua. Consiste na aplicação de um questionário a um conjunto de sujeitos com determinadas características, numa rede de pontos pré-definidas, para que, posteriormente, os resultados sejam apresentados em cartogramas. A reunião dos cartogramas corresponde ao atlas lingüístico, que é o registro da distribuição e da frequência de um certo fenômeno lingüístico em um determinado espaço geográfico estudado.

É imensurável a importância desse método, pois, com ele, torna-se possível a busca pelas peculiaridades do local, manifestadas nas escolhas lexicais dos sujeitos entrevistados. Seus falares podem determinar o grau de inovação ou de conservação lingüística.

Essa pesquisa foi realizada *in loco* em quatro pontos do litoral norte e escolhemos sujeitos de ambos os gêneros com mais de 60 anos de idade, pois, segundo Espinosa, *apud* Silva Neto (1977, p. 160), “como se trata de la recolección de restos de un fenómeno en vísperas de desaparición, mis sujetos pertenecen casi exclusivamente a la generación más vieja (...)”.

Foi utilizada a subárea intitulada *Fenômenos Atmosféricos*, do Questionário Semântico-lexical (QSL) do Projeto ALiB – Atlas Lingüístico do Brasil, que traz, entre outras, a seguinte pergunta: (Como se chama)? “... um clarão que surge no céu em dias de chuva?”

O Comitê Nacional do Projeto ALiB aponta *relâmpago* como provável resposta a essa questão, entretanto, a lexia *relampo* aparece com a maior frequência, seguida por *fuzil*.

Análise quantitativa

Para a apuração estatística, orientamo-nos pelos postulados da Lingüística Quantitativa de Muller (1968), que afirma que qualquer manifestação de linguagem, um discurso

ENCARNAÇÃO, M.R.T., USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
Departamento de Lingüística, Av. Ana Costa, 516 apto. 21, CEP 11060-002, Santos, São Paulo, Brasil, maregi@usp.br

qualquer, escrito ou falado, breve ou longo, literário ou não, não está livre do domínio numérico.

Ao nos referimos ao número exato das ocorrências no *corpus*, temos a “frequência absoluta” e quando esse número exato de ocorrências faz referência ao número total do *corpus*, temos a “frequência relativa”.

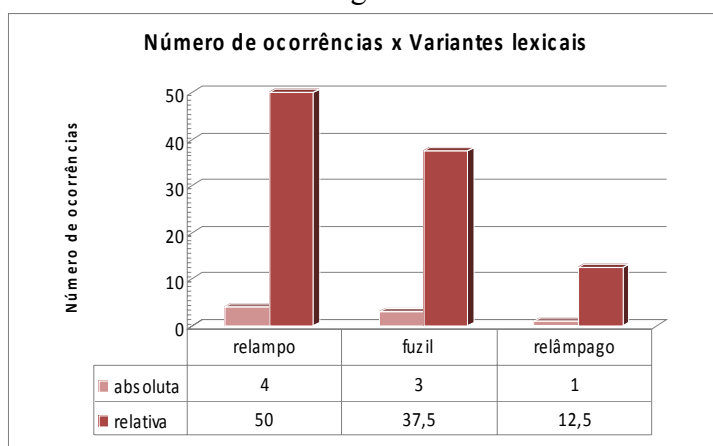
Nessa pesquisa, buscamos verificar a frequência absoluta e a relativa das lexias dadas como respostas pelos sujeitos inquiridos, conforme especificações abaixo:

Tabela 1

CAMPO SEMÂNTICO 2 - Fenômenos Atmosféricos		
<i>(Como se chama)? “... um clarão que surge no céu em dias de chuva?”</i>		
Respostas/ocorrências	Frequências	
	Absoluta	Relativa (%)
relampo	4	50,00%
fuzil	3	37,50%
relâmpago	1	12,50%
Total	8	100,00%

Temos então, para um total de 8, ou seja, de 100% das respostas obtidas: 4 ou 50,00% para relampo; 3 ou 37,50% para fuzil; 1 ou 12,50% para relâmpago, registrado no histograma abaixo:

Histograma 1



Uma abordagem de aspecto semântico-lexical

O termo *lexia*, empregado neste trabalho, deve-se ao linguísta francês, Pottier (1978) e designa qualquer unidade lexemática.

Procuramos dados esclarecedores para justificar a alta frequência da lexia “relampo” nas respostas dadas na questão: Como se chama “... um clarão que surge no céu em dias de chuva?” e vimos que essa é a forma que se popularizou no Brasil no século XVI e que nos pontos aqui estudados ainda é a mais usada.

Embora, Camões (1572) em *Os Lusíadas* escreva *relâmpados*, conforme as citações descritas no Canto V, verso 16:

Contar-te longamente as perigosas
Coisas do mar, que os homens não entendem:
Súbitas trovoadas temerosas,
Relâmpados que o ar em fogo acendem (...)

No Canto VI, 78: “*Relâmpados* do mundo, fulminantes” e no Canto VI, 84: “*Relâmpados* medonhos não cessavam”, os seus contemporâneos, Dom Frei Amador Arraes, em sua obra *Diálogos* (1589), Fernão Álvares do Oriente, em *Lusitânia Transformada* (1607) e João Franco Barreto, em *Eneida Portuguesa* (1664), escrevem “*relampos*”.

Segundo Cascudo (2004), essa é a forma antiga, a que o Brasil recebeu no século XVI e ainda utiliza, uma vez que a lexia *relampo* - fiel aos étimos, *re-lampo*, de re + radical latino de *lampare*, 'fulgir', 'brilhar' - é a mais comum no Portugal aldeão, nas regiões cujos filhos povoaram o Brasil. O povo não diz *relampadejar* ou *relampaguear*, e sim, *relampear* e *relampejar*.

Ao registrarmos a lexia *fuzil*, de uso bastante freqüente nos pontos abordados, percebemos que é uma lexia que nos remete a uma série de significados, quando não está manifestada no discurso-ocorrência do sujeito de nossa pesquisa.

ENCARNAÇÃO, M.R.T., USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
Departamento de Linguística, Av. Ana Costa, 516 apto. 21, CEP 11060-002, Santos, São Paulo, Brasil, maregi@usp.br

Essa análise semântico-lexical consiste em buscar o sema de relação de sentido entre vocábulos de significação muito próxima que permite muitas vezes que um seja escolhido pelo outro em alguns contextos, sem alterar o sentido literal da sentença como um todo.

Começamos, então, a examinar o verbete *fuzil* em alguns dicionários específicos, em dicionários gerais e, a título de ilustração, em citações de cunho literário, a fim de registrar a relação de sentido que há entre as lexias-respostas dos sujeitos:

Houaiss (2001) traz que etimologicamente *fuzil* é proveniente do latim vulgar *focile*, derivado do latim *focus, i* 'fogo', provavelmente abreviatura de *focilis petra* - 'pedra de fogo'. Por analogia, mesmo que relâmpago ('clarão repentino'). O mesmo se dá em Ferreira (1999), em que encontramos: *Fuzil* - substantivo masculino, proveniente do francês *fusil*. Relâmpago.

Tomemos então o sentido de analogia como relação ou semelhança entre coisas ou fatos:

Se *fuzil* e *relâmpago* possuem uma relação análoga de significados, podemos também buscar a lexia “*relâmpago*” nos dicionários e comprovarmos essa afirmação.

No Dicionário de Termos Geográficos (1978, p.391) temos a seguinte definição para relâmpago: “iluminação difusa, semelhante a um manto de luz, produzida por uma descarga elétrica em uma nuvem ou entre duas nuvens”.

Examinamos também em Caldas Aulete (1958, p.4336) que traz a seguinte definição: “s.m. luz rápida e brilhantíssima proveniente da descarga elétrica entre duas nuvens ou entre uma nuvem e o solo; clarão que precede ou acompanha o trovão”.

Vimos, então, que se trata de uma relação de parassinonímia definida em função da implicação recíproca, ou seja, em função da equivalência.

Nas citações,

ENCARNAÇÃO, M.R.T., USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
Departamento de Linguística, Av. Ana Costa, 516 apto. 21, CEP 11060-002, Santos, São Paulo,
Brasil, maregi@usp.br

Por momentos um cúmulus compacto, de bordas acobreado-escuras, negreja no horizonte. Deste ponto sopra, logo depois, uma viração, cuja velocidade cresce rápida, em ventanias fortes. (...) Fulguram *relâmpagos*; estrugem trovoadas nos céus já de todo bruscos e um aguaceiro torrencial desce logo sobre aquelas vastas planícies. (EUCLIDES DA CUNHA,1929);

"Os aguaceiros continuavam furiosos. O vento, os *fuzis*, os trovões não tinham a menor intermitência" (VIRGÍLIO VÁRZEA, 1910).

Podemos perceber que nos textos, as lexias “*relâmpagos*” e “*fuzil*” estão empregadas com o mesmo valor semântico e que ambas remetem ao mesmo significado, da mesma forma como já encontramos com a aplicação da pergunta do campo semântico 2 - fenômenos atmosféricos.

No texto de Euclides da Cunha aparece “Fulguram *relâmpagos*; estrugem trovoadas”, em que ‘fulgurar’ quer dizer emitir ou refletir luz, brilho intenso; luzir, brilhar, resplandecer, e esse precede a lexia ‘trovoadas’; ou seja, primeiro o clarão, depois o estrondo.

No texto de Várzea aparece “o vento, os *fuzis*, os trovões”, aparece uma gradação que mostra as seqüências idênticas à anterior, primeiro os *fuzis*, refletindo luz, e depois os trovões, trazendo o estrondo.

O autor Virgílio Várzea (1862-1941) e os sujeitos da pesquisa coincidentemente estabelecem uma relação de proximidade entre o uso da lexia *fuzil* e a proximidade com o mar.

Ao estudarmos a temática de sua obra, vimos que está relacionada predominantemente ao mar, com o qual teve afinidade desde a infância. O escritor foi o primeiro na América Latina a se ocupar atentamente do mar, personagem central de toda sua obra. A vida no mar, as aventuras marítimas, a perícia ao navegar, a atividade pesqueira e os perigos do mar traiçoeiro são temas fundamentais de suas narrativas. Em função de sua experiência como marinheiro, tornou-se capaz de falar sobre o mar com muita autoridade e riqueza de detalhes. E, a dependência quase determinista de muitas personagens a seu meio ambiente revela a afinidade do autor com o modo de vida caiçara.

Essa proximidade da temática do autor com o modo de vida dos sujeitos da nossa pesquisa faz com que ocorra homogeneidade na escolha da lexia *fuzil*.

ENCARNAÇÃO, M.R.T., USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
Departamento de Linguística, Av. Ana Costa, 516 apto. 21, CEP 11060-002, Santos, São Paulo,
Brasil, maregi@usp.br

A equivalência a que nos referimos quando tratamos da parassinonímia estende-se à equivalência diatópica: as isoglossas, nesse caso, apontam semelhanças em espaços geográficos, e aqui temos isoglossas diatópicas.

Ou seja:

Espaço geográfico	⊃	Determinada lexia
↓		↓
Proximidade com o mar	⊃	Fuzil

Considerações finais

Acreditamos que a representação do universo cultural dá-se pelo uso da língua e é com ela que os sujeitos interagem no tempo e no espaço, de acordo com o funcionamento histórico-social no espaço físico em que vivem. É certo que a significação se constitui nos entrecruzamentos das ações humanas, produzindo diferentes efeitos de sentido e, ao mesmo tempo, inscreve os sujeitos/enunciadores no âmbito histórico-cultural da comunidade a que eles se integram.

Articula, também, os traços significativos do léxico nas diferentes zonas de sentido, cujos recortes dependem dos dados da experiência de mundo.

Essas situações circunstancializadas do uso da língua integram-se nos processos de produção de sentidos, uma vez que, é no grupo social que a voz do sujeito se faz presente e é nos enunciados formativos do saber que o sujeito constrói seu discurso, interagindo, como participante, no universo do conhecimento.

É no âmbito comunicativo, subjacente à enunciação, que se origina o processo de significação, uma vez que existe uma imbricação, ou seja, um processo de sobreposição parcial, entre o conhecimento dos sujeitos e o contexto em que atuam. A eficácia da significação depende da contextualização dos fatos, das circunstâncias em que ocorrem e do engajamento histórico.

E é assim que a língua revela o modo de ser do grupo que dela se utiliza, reconduzindo o universo social e político de sua história.

ENCARNAÇÃO, M.R.T., USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
Departamento de Linguística, Av. Ana Costa, 516 apto. 21, CEP 11060-002, Santos, São Paulo, Brasil, maregi@usp.br

Referências bibliográficas

- ALIB -Atlas *Lingüístico do Brasil* – Questionário, 2001.
- ANTUNES, I. *A língua e a identidade cultural de um povo*. In: VALENTE, A. (org.) *Língua Portuguesa e Identidade – marcas culturais*. Caetés, Rio de Janeiro, 2007.
- AULETE, F. C.de. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* em 5 volumes. 5.ed. Brasileira. Rio de Janeiro, Dele, 1958.
- COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.
- _____, E. *Lições de Lingüística geral*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1980.
- ENCARNAÇÃO.M.R.T. *Estudo geolingüístico de aspectos semântico-lexicais nas comunidades tradicionais do município de Ilhabela*. 200 p. Dissertação (Mestrado). São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2005.
- FERREIRA,A.B.de H. *Dicionário Eletrônico Novo Aurélio século XXI. Versão 3.0-PC*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.
- FERREIRA CARDOSO, C. e S. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1994.
- HOUAISS, A. et al. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.
- LEMLE, M. *Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa*. In: LOBATO, L. *Lingüística e Ensino do vernáculo*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1978.
- LYONS, J. *Introdução à Lingüística Teórica*. Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel, São Paulo, Companhia Editora Nacional, Universidade de São Paulo, 1977.
- MONKHOUSE, F. J. *Diccionario de términos geográficos*. Barcelona, 1978.
- MULLER, C. *Initiation a la statisque Linguistique*. Larousse, Paris, 1968.
- NASCENTES, A. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Freitas Bastos, Rio de Janeiro,1952.
- POP, S. *La dialectologie*. Aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistiques, v.1 e 2. Louvain, Chez l'autor, Gembloux, Duculot, 1950.
- POTTIER, B. *Théorie et analyse en linguistique*. Paris: Hachette,1978.
- VILELA, M. *Estruturas Léxicas do Português*.Coimbra, Livraria Almedina, 1979.
- ENCARNAÇÃO, M.R.T., USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Lingüística, Av. Ana Costa, 516 apto. 21, CEP 11060-002, Santos, São Paulo, Brasil, maregi@usp.br

_____. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra, Livraria Almedina,
1994.

ENCARNAÇÃO, M.R.T., USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
Departamento de Linguística, Av. Ana Costa, 516 apto. 21, CEP 11060-002, Santos, São Paulo,
Brasil, maregi@usp.br